

DE FACTO, ACONTECEU...

A IFU: Uma Universidade Internacional de Mulheres

Ana Maria Monteiro Ferreira
Universidade Aberta

De 15 de Julho a 15 de Outubro de 2000 teve lugar na Alemanha a primeira experiência, a nível europeu, de uma Universidade Internacional de Mulheres “Tecnologia e Cultura”, a IFU (*Internationale Frauenuniversität*). Embora de carácter internacional, este projecto foi integralmente concebido como forma de desenvolver os Estudos sobre as Mulheres e sobre Género na Academia Alemã.

A IFU, que se iniciou, de facto, em Janeiro de 1997, consubstanciou-se em Março de 1999, com a fundação de uma sociedade sem fins lucrativos, composta por numerosas personalidades bem conhecidas da política, da ciência e dos *media* alemães — a *Internationale Frauenuniversität GmbH* — para que foi nomeada Presidente e Directora Científica a Prof.^a Doutora Aylâ Neusel, da Universidade de Hannover. O projecto que então começou a ser posto em prática teve os seguintes objectivos:

- dar oportunidade a mulheres investigadoras para apresentarem as suas próprias contribuições nas seis áreas que a IFU se propôs desenvolver;
- encorajar o ensino e a investigação em cooperação interdisciplinar, entre jovens investigadoras, sobre os temas propostos nessas áreas de forma a tirar o máximo partido desta capacidade inovadora;
- criar uma rede permanente de mulheres investigadoras a nível mundial, de modo a permitir uma linha aberta de diálogo, estreitar as relações entre diferentes estruturas académicas e enriquecer os conteúdos das suas disciplinas;
- combinar o valor acrescido da cooperação internacional com os efeitos inovadores das mudanças paradigmáticas nos Estudos sobre as Mulheres;
- cruzar teorias, conceitos e estratégias artísticas e científicas.

Âmbito

A primeira universidade especificamente de e para mulheres, na Europa, proporcionou a 900 mulheres de mais de 115 países diferentes a oportunidade única de integrarem um projecto internacional e participarem num programa pós-graduado de Investigação e Estudos sobre as Mulheres, trabalho académico interdisciplinar e intercultural em seis áreas: Água, Cidade, Corpo, Informação, Migração e Trabalho.

Um outro conceito, porém, deu forma a todo este projecto, como se pode facilmente perceber pela sua designação de Universidade Internacional de Mulheres “Tecnologia e Cultura”. A transgressão de géneros e o derrubar de fronteiras — por

vezes de formas bastante complexas — que têm vindo a constituir muitas formas de arte contemporânea, são igualmente parte do actual processo de globalização que não é só tecnológico e económico mas também cultural. Apostando numa interacção e diálogo, certamente controversos, entre Arte e Ciência, a IFU pretendeu abrir um espaço para a criação de trabalhos complexos e provocatórios, onde a dúvida se constituísse em espaço de conhecimento com potencial para criar novas formas, novas perspectivas.

Durante três meses, a par de inúmeras conferências, sessões plenárias, aulas teóricas e sessões práticas, oficinas, *tutorials*, grupos de leitura e discussão, debates, mesas redondas protagonizadas por académicas e também por artistas, jornalistas, realizadoras, etc., uma enorme variedade de actividades artísticas foi também acontecendo. Desde exposições a documentários, de pintura a fotografia e vídeo, de curtas-metragens a todo um ciclo de cinema — *She's got it* — exclusivamente de mulheres realizadoras, que de Julho a Outubro preencheram os fins-de-tarde, duas vezes por semana.

Para além do corpo formal do curso, que compreendia as seis áreas de investigação já referidas, a IFU, como projecto inovador tanto pela forma como pelo(s) conteúdo(s), orientou a investigação com vista ao desenvolvimento de cinco ideias-chave: o intercâmbio internacional e intercultural, a abordagem interdisciplinar, a perspectiva de género, a interacção entre ciência e sociedade e a integração de arte e ciência.

Pretendendo, por outro lado, tornar-se um projecto bem visível nos meios académico, científico e público, a IFU concebeu um espaço de diálogo de estudantes e conferencistas aberto a um mais vasto público de especialistas, jornalistas, comunidades locais e regionais, a todos os cidadãos homens e mulheres. Este espaço de conferências, painéis de discussão, acontecimentos culturais, representações, música, filmes, vídeos, noites artísticas e muitas outras actividades — a que foi dado o nome de *Open Space* e onde uma particular ênfase era dada ao encontro das artes com as ciências — realizava-se às sextas-feiras, ao longo de todo o dia, e constituiu-se como mais um espaço de convívio intercultural.

Os cursos

Para além de inúmeros patrocinadores, a IFU contou com o apoio não só da DAAD¹ como de várias câmaras municipais e universidades, nomeadamente aquelas onde os cursos tiveram lugar: Hanover, Hamburg, Kassel, Bremen e Suderburg. Dois cursos decorreram integralmente na Universidade de Hanover — *Migração e Trabalho*; o curso sobre o *Corpo* foi acolhido nas Universidades de Hanover e Bremen; a Universidade de Hamburg acolheu o curso *Informação*; *Cidade* decorreu na Universidade de Kassel e na Universidade de Suderburg teve lugar o de *Água*.

O contexto da IFU, em que estas questões foram abordadas de uma perspectiva transcultural e transdisciplinar, sem nunca perder de vista os Estudos sobre as

Mulheres, procurou uma articulação entre os diferentes métodos de análise específicos das diversas áreas científicas sob as quais cada um dos temas podia ser explorado, conjugando-os com as metodologias dos Estudos sobre as Mulheres e Género.

Assim, o projecto *Água*, cuja ênfase recaiu nas interrelações entre desenvolvimento científico e mudança social, abordou, na sua vertente internacional, interdisciplinar e feminista, problemáticas como por exemplo as que dizem respeito às políticas e projectos de distribuição deste recurso natural, e à forma como estes interferem na sociedade.

O projecto *Cidade*, que incidiu sobre os problemas da urbanização, das áreas com maior concentração e explosão demográficas, debruçou-se sobre as diferenças históricas e culturais, e sobre as relações de género que influenciam as estruturas espaciais e sociais das cidades. Num contexto de globalização e de uma perspectiva de análise comparativa internacional, o projecto explorou subtemas como as dimensões urbanas da sociedade civil, a polarização social e o desenvolvimento sustentado.

Sob o tema genérico “Sobre as marcas corporais num mundo tecnogénico”, o projecto *Corpo* constituiu-se como o local privilegiado para submeter à análise crítica das mulheres três tipos fundamentais de ameaça sobre o corpo — especialmente o corpo feminino: a violência moderna e a guerra, a discriminação e as limitações de acesso ao poder, a manipulação tecnológica e o retomar das experiências sobre concepção, gravidez e nascimento.

Um dos projectos mais interdisciplinares e interculturais da IFU foi, sem dúvida, o projecto *Informação*. Eminentemente orientado para actividades práticas, este projecto teve como objectivo a elaboração de temas para serem trabalhados em cooperação interdisciplinar ou ainda em articulação com outros dos projectos da IFU. Sem perder de vista aspectos fundamentais, tais como uma reflexão sobre o impacto das tecnologias de informação e comunicação e sobre as perspectivas de uma sociedade de informação, este projecto teve como objectivo a criação de mecanismos que facilitassem a apreciação das diferentes formas de comunicação, incluindo a narrativa e o rumor, e o seu papel como instrumento social na transformação da informação; a consciencialização sobre a forma como o controlo é centralizado e ainda a forma como a informação afecta a vida das mulheres.

O projecto *Trabalho*, um dos dois que decorreram integralmente na Universidade de Hanover, partiu da seguinte premissa: as mudanças económicas, políticas e culturais a nível mundial transformam os mercados de trabalho, as organizações laborais, o panorama das divisões do trabalho em função do género e as estruturas familiares. Incidindo sobre os processos de globalização e do desenvolvimento forçado da tecnologia, por um lado, atravessados pelos processos de transformação governamentais, por outro, este projecto analisou especificamente as condições de vida das mulheres trabalhadoras no âmbito destas rápidas transformações sociais.

Propositadamente deixei o projecto *Migração* para último lugar por ter sido aquele em que eu própria participei. Com o subtítulo *Espaços, Culturas e Identidades em Processo* englobava quatro subtemas:

- Migrações, Mobilidade e Transmigrantes
- Nacionalismos, Racismos e Etnicidades
- Espaços, Culturas e Identidades em Processo
- Democracia de Género Transnacional: Igualdades e Diferenças

Partia da constatação de que a aparente dissolução do significado das fronteiras nacionais e territoriais, enquanto princípios de organização política, social e económica, têm, não obstante, limites. Emergem novos mecanismos de regulamentação e formas de organização marcados, em muitos países industrializados, pelo aumento do número de leis restritivas relativamente a refugiados e migrantes, pela emergência de antigas e novas formas de nacionalismos, pelo crescimento do racismo, assim como pela recusa em conferir direitos políticos e sociais aos migrantes. A internacionalização e as redes de movimentos políticos e sociais reflectem estruturalmente estes processos e os actores individuais experimentam uma crescente desterritorialização e deslocamento através quer de migrações colectivas quer de uma crescente mobilidade.

As relações de género são transversais a todos estes processos, sendo porém diferente o seu impacto sobre homens e mulheres, nas diferentes sociedades. O género e as relações de género são reestruturadas por estes processos transversais, e os novos padrões biográficos e os conceitos de *self* reflectem a emergente flexibilidade e fragmentação das identidades.

A proposta central do curso era a de desenvolver um *curriculum* interdisciplinar que englobasse teoria feminista contemporânea e criasse pontes epistemológicas entre género, etnicidade e subjectividade em horizontes transnacionais político-sociais marcados pela mobilidade, nacionalismo, identidade, narrativas de identidade e espaço, direitos humanos, democracia e redes transnacionais na era da globalização.

A selecção criteriosa de estudantes com as mais variadas formações académicas e profissionais, artísticas e políticas, capazes de partilhar uma linha de análise e crítica feminista com as conferencistas e académicas, e com elas desafiar limites e barreiras científicas, permitiu que os objectivos do curso fossem sendo atingidos à medida que as semanas decorriam.

Foram 12 semanas de trabalho a tempo inteiro de leituras, aulas seguidas de debates, oficinas previamente agendadas ou *ad-hoc*, investigação em projectos de grupo ou individuais, entrevistas, preparação de vídeos, contactos com jornalistas, reuniões, apresentações, relatórios, etc., etc., mas também de excelentes conferências e troca de opiniões com as respectivas conferencistas. De entre estas (cerca de 50) gostaria de destacar algumas de renome internacional como Hiroko Hara do Japão, Madjiguené Cisse do Senegal e da França, Saskia Sassen dos EUA, Gayatri Spivak da Índia e dos EUA e Mirjana Morokvasic-Müller de França, entre outras.

Foram semanas onde se desafiaram as perspectivas estabelecidas pelo conhecimento convencional dominante e até aqui profundamente enraizadas e inquestionáveis. A última delas — a semana de apresentação pública do trabalho individual ou colectivo, desenvolvido ao longo do curso — foi um momento alto de demonstração de criatividade, dinamismo e entusiasmo. Era o produto do

trabalho das participantes que se avaliava, um produto em que o processo de produção, incluindo a forma de apresentação, era por igual importante.

Como balanço final, apenas direi que na última semana havia uma opinião generalizada: a *IFU* tinha sido uma excelente *aventura*, termo aqui utilizado no sentido mais positivo em que Georg Simmel o utiliza, como metáfora para desbanalização do quotidiano. E embora todas concordássemos, alunas, directoras, orientadoras e responsáveis, que tudo tinha sido extremamente trabalhoso e demasiado concentrado, um sentimento era também comum a todas nós: a *IFU* tinha sido uma experiência única, a mais enriquecedora das nossas vidas. Para nós, tinha sido um privilégio participar da *IFU*.

Nota

- 1 Deutscher Akademischer Austauschdienst — Instituto Alemão de Bolsas e Intercâmbio Académico.